



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Bizâncio, Pérsia e Ásia Central, pólos de difusão do Nestorianismo.

Sílvia Sônia Simões¹

RESUMO: Esta exposição tem por objetivo examinar os procedimentos que tornaram possível a disseminação do nestorianismo, heresia que foi banida pela ortodoxia bizantina no século V, visando à promoção do ponto de vista de sua doutrina no período inicial de sua existência. A ênfase maior será dada ao século VI, tanto porque foi quando esta heresia organizou-se como igreja cristã independente no mundo persa, quanto pela possibilidade de aferir, por meio de um relato de viagem de um adepto desta doutrina, a importância das trocas comerciais como sendo uma atividade importante para a difusão desta crença, possibilitando a constituição de espaços de trocas, contatos e ideias. Pretende-se também ver de que maneira se deu a aceitação da doutrina nestoriana entre os muçulmanos e os nômades das estepes euroasiáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Heresia; nestorianismo; comércio; trocas culturais.

ABSTRACT: This explanation has the objective of examining the procedures that made the spreading of Nestorianism possible. Nestorianism was a heresy banished by the Byzantine orthodoxy in the 5th Century, in order to promote the point of view of its doctrine in the beginning of its existence. A bigger emphasis will be given to the 6th Century. First, because it was when this heresy was organized as an independent Christian church in the Persian world. Second, because of the possibility of measuring the importance of commercial trades as an important activity for the spreading of this belief, allowing the establishment of spaces for exchanging contacts and ideas, by analyzing the travel journals from an adept of the Nestorian heresy. It is also intended to verify how the acceptance of the Nestorian doctrine was held among Muslims and nomads from the Eurasian steppes.

Keywords: heresy, Nestorianism, trade, cultural exchanges

Mapear a disseminação da heresia nestoriana nos permite compreender como uma crença religiosa ou uma visão de mundo que diverge quanto ao que é estabelecido como dogma num certo local pode afetar o mundo material com suas opiniões e propostas, consideradas inicialmente heréticas. Além disso, nos permite entrever as intrincadas relações entre religião e poder, que autorizam a afirmação de determinada crença em detrimento de outra.

Banida pela ortodoxia do Estado Bizantino no século V, as ideias heréticas nestorianas migraram da região do Egeu e do Oriente Médio, onde nasceram, para a Mesopotâmia e a Pérsia, e, depois, para a Índia e a China, através das estepes da Ásia Central, vindo a se constituir como uma igreja cristã independente. Em meados do século XIX, certo número de nestorianos passou para outras comunidades cristãs, especialmente a dos católicos, vindo a constituir a Igreja Caldéia que, conforme dados do ano de 2003, tem a maioria de seus seguidores no Iraque (em torno de 500 mil) - país onde está sediado seu Patriarcado. Também têm dioceses no Egito (Cairo), Síria (Alepo), Irã (Teerã e Urmya), Líbano (Beirute), Turquia (Istambul), América do Norte (Detroit e San Diego) e Oceania, contando com cerca de um milhão e meio de adeptos.² Os “assírios”, que permaneceram fiéis ao nestorianismo, em 1976 criaram a “Igreja Apostólica Assíria do Oriente”, com adeptos no Iraque, Síria, Índia, América do Norte, Líbano, Irã e Rússia, perfazendo um total de aproximadamente 40 mil participantes³.

Este artigo tem por objetivo examinar alguns dos procedimentos dos adeptos do nestorianismo para promover o ponto de vista de sua doutrina nos séculos iniciais de sua existência. A ênfase maior será dada ao século VI, quando a heresia bizantina organizou-se como igreja cristã independente no mundo persa. Pretende-se também ver de que maneira se deu a aceitação de sua doutrina entre os muçulmanos e entre os nômades das estepes euro-asiáticas.

A heresia nestoriana

Em Bizâncio, o político e o religioso andavam sempre juntos, porque o *Basileus* era a manifestação da divindade e o prolongamento de Deus na terra. Este é, aliás, um dos pressupostos que permitem caracterizar Bizâncio como um Estado Teocrático⁴.

Neste Império constituído por populações díspares, de diversa procedência (gregos, egípcios, latinos, sírios, eslavos), as controvérsias religiosas sempre tiveram conotação política e social. Por isso, cabia ao *Basileus* “recuperar, esforçando-se sem descanso, aqueles que se perderam”⁵, e obedecer aos sete concílios ecumênicos, mediante juramento prestado por ocasião de sua coroação. As divergências religiosas eram partes fundamentais dos grandes concílios. Como Constantinopla conseguiu, aos poucos, suplantar as sés rivais de Alexandria, Antioquia e Jerusalém, pôde rivalizar com Roma na disputa pela liderança do mundo cristão.

A heresia, considerada crime contra o Estado, passou a ser punida pelos tribunais seculares, adquirindo, dessa maneira, grande implicação política. Indo de encontro aos

dogmas estabelecidos pela Igreja, constituía-se num afrontamento à figura do Imperador, porque esse era o responsável por manter as leis fixadas nos concílios. Por outro lado, é flagrante a utilização pela Igreja, nos concílios, de meios coercitivos visando garantir a ordem e a unidade jurídico-moral.

Os sete concílios ecumênicos aos quais o Imperador tinha o dever de preservar foram o Concílio de Nicéia I (325), que combateu o arianismo e estabeleceu o dogma da religião cristã; o Concílio de Constantinopla I (381), que reafirmou o credo de Nicéia como base da crença cristã e esclareceu a posição da Igreja sobre a doutrina da Santíssima Trindade; o Concílio de Éfeso (431), que estabeleceu ter Cristo duas naturezas distintas, mas unidas e atribuídas a uma só pessoa, condenando o nestorianismo; o Concílio de Calcedônia (451), que aprovou os Credos de Nicéia e Constantinopla I, condenou o monofisismo, e estabeleceu que o patriarcado de Constantinopla passasse a ser a segunda sé mais importante do Império, só sendo subordinada à sé de Roma; o Concílio de Constantinopla II (553), que reafirmou o Concílio de Éfeso, rejeitando a posição dos nestorianos com a condenação dos “Três Capítulos”; o Concílio de Constantinopla III (680-81), que condenou os monotelistas, e o Concílio de Nicéia II (787), que decretou o restabelecimento dos ícones, tentando pôr fim a controvérsia iconoclasta ⁶.

A heresia teve papel central nestes concílios e na legitimação que estes pretendiam dar ao dogma estabelecido. Eram hereges aqueles que não professassem a fé considerada verdadeira, isto é, o credo fixado no Concílio de Nicéia, sendo, por essa razão, tidos como “infiéis”. Como bem salienta Monique Zerner, quando a Igreja institui suas leis, aconteceu uma inversão de papéis: de perseguidos, os cristãos passam a posição de perseguidores. ⁷

Quanto maior o poder da instituição eclesiástica, mais a heresia tendeu a ser perseguida e condenada. No Império Romano do Oriente, foram tomadas medidas severas para que eles não tivessem condições de expressar suas divergências de opinião. Teodósio I fez do cristianismo a religião oficial do Estado, publicando em 380 um Editto no qual fixava a linha de divisão entre a ortodoxia e a heresia nos termos fixados pela doutrina nicena da Trindade ⁸.

A ideia da distinção entre as duas naturezas de Cristo, que é o ponto de partida da heresia diofisita, ou nestoriana, nasceu em Antioquia com Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuestia, ficando durante algum tempo restrita aos meios eruditos. Foi com Nestório, Patriarca de Constantinopla (428-431), que ela ganhou notoriedade ⁹. Este defendeu com ardor a proposição segundo a qual as naturezas divina e humana estavam separadas em Cristo, e que a Virgem Maria não deveria ser considerada mãe de Deus (*Theotokos*), e sim

Christokos, porque ela gerou um homem – Jesus – a quem o verbo de Deus veio a estar temporariamente unido.¹⁰

Em 430, Cirilo de Alexandria, adversário declarado de Nestório, conseguiu que um sínodo romano avaliasse a pertinência teológica de tais proposições, obrigando o Imperador Teodósio II a convocar um concílio para resolver a questão, o que veio a ocorrer na cidade de Éfeso, em 431. O concílio teve início sem a presença da parte oriental do clero cristão do Império, o que facilitou a condenação das ideias “nestorianas”. No entanto, quando o clero oriental chegou, João de Antioquia decidiu estabelecer um concílio paralelo, o que provocou recriminações, levando a que o Imperador interviesse e o dissolvesse. O resultado foi a determinação de que as duas naturezas estavam unidas e em perfeita união na pessoa de Cristo. Considerado herege, Nestório foi destituído do cargo, sendo mandado para um mosteiro e tendo suas obras queimadas. Por isso é que na memória nestoriana destes eventos, o patriarca deposto é visto como homem sábio, sereno, vítima de maquinações de seus inimigos “blasfemos”, “falsos”, e da má vontade de Pulquéria, a influente irmã do *Basileus*, adepta fervorosa do culto de Maria¹¹.

Para fazer frente à heresia, outro grande teólogo da época, Eutiques (378-454), formulou a doutrina segundo a qual a natureza divina “absorve” a natureza humana, numa linha de interpretação que veio a ser denominada de Monofisismo, defendendo que a humanidade de Jesus havia sido refundida numa espécie de nova natureza.¹²

Em 451, no Concílio de Calcedônia, os monofisistas são por sua vez condenados como heréticos. A maior repercussão política deste concílio foi a não aceitação do Papa Leão I ao cânon 28, que dava à Constantinopla poderes jurídicos no Oriente iguais aos que Roma tinha sobre as comunidades do Ocidente. Esta determinação confirmava uma resolução anterior, tomada no Concílio de Constantinopla I, em 381, que dava privilégios iguais, em matéria eclesiástica, à “Antiga Roma” e à “Nova Roma”, por ser esta a sede do governo e do Senado. O mesmo cânon também estipulava que o patriarca de Constantinopla tinha o direito de investir os bispos das províncias do Ponto, da Ásia e da Trácia, o que lhe dava superioridade no Oriente e, conseqüentemente, equivalia a uma derrota dos alexandrinos.¹³

O monofisismo era forte em Alexandria, o nestorianismo em Antioquia. As disputas religiosas eram canais de expressão de rivalidades político-administrativas entre as mais importantes sés do Império Bizantino, revelando, também, sua oposição à autoridade do patriarcado, cuja sede estava em Constantinopla. Do ponto de vista doutrinal, o monofisismo seguia a linha dos pensadores alexandrinos, que procuravam acomodar em sua exegese os elementos da filosofia grega antiga (Orígenes, Clemente e Filon de Alexandria, Basílio de

Cesaréia), enquanto o nestorianismo tendia a seguir a interpretação siríaca, segundo a qual os escritos bíblicos não poderiam ser submetidos a nenhuma interpretação racional porque provinham de uma verdade “revelada” (João Crisóstomo, Teodoro de Cyro, Luciano Samozata).¹⁴

Dáí se pode presumir a complexidade assumida pelos debates e polêmicas cristológicas no mundo bizantino. As divergências de opinião eram motivo de perseguição por parte do Estado, porque o poder instituído não podia ser ameaçado pelas diferentes interpretações da crença cristã: o Império Romano Oriental precisava de uma crença uniforme, fundada na lei e na justiça, e que o povo legitimava na medida em que via no *Basileus* o guardião da autêntica e verdadeira religião.¹⁵ É neste contexto de conflitos doutrinários, ideológicos e políticos que as heresias devem ser entendidas. Contudo, apesar das condenações e perseguições que sofreram em sua origem, as ideias diofisitas sobreviveram a princípio na Síria, depois na Mesopotâmia e na Pérsia, difundindo-se a seguir para locais bem mais distantes, como a Índia, a Ásia Central e a China.

Os Cristãos da Pérsia e a “Escola de Nísibis”

O Ocidente é muito mais tributário da cultura oriental do que costumamos supor. O saber greco-romano, assimilado no Oriente, passou para o Ocidente através das traduções a partir de textos árabes, o que leva a que o Renascimento do século XII, e em certa medida mesmo o Renascimento do século XV, tenham sido, de algum modo, tributários de tais traduções. Porém, o mais ignorado é que os hereges, entre eles os nestorianos, foram os tradutores de textos gregos, transmitindo-os ao mundo Persa e depois ao mundo muçulmano em cópias na escrita siríaca realizadas na “Escola de Edessa”, da Macedônia, e na “Escola de Nísibis”, da Mesopotâmia: “Na Síria oriental e na Pérsia sassânida, a cultura clássica precedeu o islamismo, pois foi deslocada de seu centro originário de Antioquia devido à pressão político-religiosa bizantina, onde os nestorianos iniciaram o estudo das obras de Aristóteles.”

16

Desde o século III, o cristianismo era praticado na Pérsia, disputando espaço com outras crenças de proveniência oriental, sobretudo o mazdeísmo*, o mitraísmo** e o maniqueísmo***. Durante o reinado de Sapor II (310-379), Papa Bar Aggai, *catholicos** de Ctesifon, capital do império Sassânida, centralizou e organizou as comunidades cristãs, tornando-se representante supremo da doutrina cristã dos “Pais Ocidentais”, isto é, da doutrina proclamada nos concílios ecumênicos. O foco de irradiação da evangelização cristã

na Mesopotâmia era feito a partir de Edessa, segundo as prescrições e os ritos obedecidos no mundo bizantino. Com a morte do imperador Constantino, em 337, os persas sassânidas atacaram as possessões orientais bizantinas. Perseguidos, os cristãos persas emigraram para outras regiões, como o Malabar e o Ceilão, o que foi facilitado “devido às comunicações entre a Índia e o golfo Pérsico, e ainda à existência de comunidades cristãs na Índia desde os primórdios do cristianismo.”¹⁷

Em 410, foi realizado em Selêucia o primeiro concílio da Igreja Persa. Ali se decidiu pela adoção dos cânones de Nicéia, e também pela confirmação da liberdade religiosa na Pérsia, embora os laços com as autoridades de Antioquia não tenham sido rompidos. Isso veio há ocorrer uma década depois, em 424, devido, em parte, às diferenças na disciplina eclesiástica, que foram se acentuando, e, também, pelo distanciamento mútuo entre seus representantes, separados em territórios inimigos. Foi, portanto, por uma razão política que a Igreja persa tornou-se independente. A ruptura teve efeito disciplinar e jurídico, não afetando a doutrina: “o *catholicos* teria os mesmos poderes do patriarca de Antioquia, a fim de que pudesse resolver os problemas sem o recurso da ajuda sistemática da Igreja do Ocidente.”¹⁸ Mas o distanciamento era irreversível, e em 487 completou-se a ruptura: os cristãos orientais já vistos como “cismáticos”, deste momento em diante passaram também a ser considerados “heréticos”.

A introdução do nestorianismo na Pérsia começou com Ibas de Edessa, que era adepto das ideias de Antioquia e grande admirador de Teodoro de Mopsuestia. Ele se correspondia com Dadicho (seu ex-aluno e *catholicos* da Igreja Persa no período de 421-456), que o mantinha informado das disputas doutrinárias da Igreja do Ocidente. Em 459, Mar Narsai, que até então dirigia a “Escola de Edessa”, decidiu transferir-se para Nísibis e fundar ali um centro de saber que em breve ganharia notoriedade na formação de exegetas, teólogos e tradutores. Eis como, no século VI, este acontecimento era lembrado por Mar Barhadbsabra Arbaya:

As escolas se multiplicaram no império dos persas. Edessa obscureceu e Nísibis se iluminou. O império dos romanos encheu-se de erro, e o dos persas, de conhecimento e respeito a Deus. Mar Narsai dirigiu esta escola durante mais ou menos quarenta e cinco anos, compondo em torno de trezentas homilias e outros livros.¹⁹

Em Constantinopla, o Imperador Zenão (474-491) defendia a via grega da doutrina cristã e, em 489, os partidários do monofisismo o pressionaram a fechar a “Escola de Edessa”, expulsando dali os nestorianos. Quando isso aconteceu, a “Escola de Nísibis” já tinha

alcançado grande fama como centro de saber graças à organização e à autoridade que Mar Narsai tinha lhe dado. Nesta verdadeira universidade-convento, havia espaços coletivos (salas, dormitório, jardins), direção e administração, um “ecônomo” para supervisionar estudantes vindos de todas as partes, e uma hierarquia nas funções pedagógicas: a função mais importante cabia aos “intérpretes” das Sagradas Escrituras, que eram auxiliados por “leitores”, responsáveis pela transmissão aos estudantes da arte de estudar os textos; por “escrutadores”, encarregados de estudar os textos filosóficos; por “meditadores”, responsáveis pelo comentário do significado oculto dos textos; por fim, pelos “escribas”, a quem cabia a tarefa de ensinar a arte da escritura.²⁰

O programa da “Escola de Nísibis” compreendia principalmente o estudo das Escrituras, que eram traduzidas e explicadas pormenorizadamente, mas também havia o estudo da língua e filosofia gregas, inclusive a obra aristotélica. Ali também era ensinada retórica, geografia, história, astronomia e história natural. Mas a atividade principal dos mestres era mesmo a tradução de obras gregas para o siríaco. Mar Narsai escreveu trezentas e sessenta homilias métricas, um livro intitulado *Da corrupção dos costumes*, enquanto Isai Ramiso, da “Escola de Seleucia”, traduziu alguns livros do Antigo Testamento, destacou-se como exegeta, escreveu centenas de cartas e homilias e muitas matérias de conhecimento eclesiástico. Tempos depois, em torno de 570, Iso Yahb era “intérprete” reconhecido, tendo mais de trezentos discípulos, enquanto Eliseu Bar Qosbaye, instruído nos livros eclesiásticos e profanos, escreveu tratados de controvérsia contra os “heréticos” e uma obra refutando o mazdeísmo.²¹

No século VI, o cristianismo em sua versão nestoriana encontrara seu lugar no extenso domínio dos persas, que, ao contrário de Bizâncio, não impunha uma doutrina religiosa oficial, disputando espaço com as demais crenças que ali eram praticadas, sobretudo o mazdeísmo, que era, sem dúvida, a doutrina hegemônica. Segundo Peter Brown, os raros aristocratas convertidos ao cristianismo eram sujeitos à execração pública, sendo tratados como renegados do zoroastrismo, a “religião boa”. Tão boa que não podia ser desperdiçada com estrangeiros, que eram livres para escolher outras crenças, desde que pagassem seus tributos. Assim, nada impedia que cristãos aparecessem inclusive na corte dos imperadores como seus servidores.²²

Em meados do século VI, o mais importante líder cristão na Pérsia chamava-se Mar Aba, nascido na antiga cidade de Hâlé, em Radan, Mesopotâmia. Adepto do mazdeísmo na juventude, converteu-se ao cristianismo, vindo a ser notável intérprete na “Escola de Nísibis”, versado em persa, siríaco e grego, e compilador e intérprete da obra de Teodoro de

Mopsuestia. Sua notoriedade aumentou depois de 537, quando foi eleito *catholicos*, cargo no qual permaneceria até 552, consolidando as normas doutrinárias e morais do cristianismo persa, destacando-se também na ferrenha luta travada contra os “magos” mazdeístas que lhe disputavam a influência junto ao “rei dos reis”.²³

Mar Aba foi contemporâneo de Cosroes I (531-579), destacado soberano da dinastia sassânida e um dos mais ardorosos adversários do Império Bizantino. A rivalidade era ainda maior porque Constantinopla, principal entreposto comercial com o Ocidente, dependia dos negociantes e do governo persa para receber as preciosas mercadorias do Oriente, uma vez que tanto as vias terrestres quanto a via marítima da seda desembocavam obrigatoriamente em território persa. Da parte de Justiniano, aquela era também uma guerra contra este monopólio, e contra os altos preços dos artigos chineses e indianos pagos em *dracma* bizantino. O principal artigo de importação continuava a ser a seda, mas da China e Índia provinham também “perfumes, especiarias, algodão e pedras preciosas, comércio que dava aos persas enormes benefícios nas transações efetuadas com os mercadores bizantinos”.²⁴

Um acontecimento ocorrido provavelmente no ano 542 nos permite avaliar a situação dos nestorianos em território persa, e a animosidade entre os povos e impérios concorrentes no Oriente Médio. Mar Aba tinha saído há pouco da prisão, onde permanecera algum tempo por causa das intrigas palacianas dos magos zoroastrianos. Então, sobreveio algo pior, uma embarcação grega vinda das Índias, repleta de mercadorias, foi pilhada por altos funcionários, os *marzbans*, e o mercador prejudicado conseguiu que Justiniano interviesse a seu favor, enviando uma carta ao “rei dos reis” na qual reclamava os bens perdidos e recuperando desta forma o produto. Segundo a *Chronique de Séert*, para se vingar do grego, os *marzbans* fizeram de tudo para prejudicar os cristãos, denegrindo-os junto a Cosroes, de modo que, até 545, bispos foram crucificados, e muitos cristãos executados²⁵. Neste ponto, desvelam-se alguns elementos da complexa teia de relações que envolviam religião, política e economia: a frequência dos contatos comerciais persas e bizantinos com o Extremo Oriente; a dependência bizantina em face das rotas comerciais controladas pelos persas; e a fragilidade da minoria nestoriana.

Um mercador nestoriano: Cosmas Indicopleutes

Mar Aba viajou por várias comunidades cristãs, como as de Edessa, Palestina e Egito, passando também por Atenas, Corinto e Constantinopla. Quando esteve na capital bizantina, foi convidado por Justiniano a debater as verdades da fé com um adepto do maniqueísmo

persa e com o próprio patriarca de Constantinopla, na Igreja de Santa Sofia. Nesse tempo, permaneceu hospedado na residência de um comerciante nestoriano versado em letras e em teologia, por onde passavam com frequência escritores, matemáticos e eclesiásticos. Seus ensinamentos devem ter influenciado as ideias deste homem misterioso, cujo nome permanece no mais completo anonimato, mas cuja obra, escrita em grego, encontra-se preservada, revelando-nos de modo admirável os conhecimentos astronômicos, teológicos e geográficos de um nestoriano dentro do universo bizantino. Referimo-nos ao erudito Cosmas Indicopleutes, e ao tratado intitulado *Topografia Cristã*.²⁶

Ao longo de toda a obra, o autor voluntariamente (por humildade ou por medo da perseguição?) oculta a identidade, referindo-se a si mesmo simplesmente como “um Cristão”. Mas já no século XI ele era identificado como “Cosmas Indicopleutes”, que significa, literalmente, “Cosmas, o viajante das Índias”. Sua fama advém justamente de que, como mercador, conhecia direta ou indiretamente os povos de várias partes do mundo. No tratado, procura se contrapor ao saber profano, o saber baseado em cálculos e raciocínios, revelando-nos as fraquezas daquilo que denomina “ciência cristã” ou “ciência helênica”, professada pelos monofisitas de Alexandria. Em sua perspectiva, a “ciência” genuína deveria ser obtida através da revelação. Seu objetivo principal era, pois, refutar as teorias dos pagãos e dos “falsos cristãos”.

Cosmas era comerciante em Alexandria, atuando como importador de especiarias, especialmente pimenta. Informava detalhadamente portos, cidades e artigos para compra e venda na bacia do Mar Vermelho, nas ilhas do Oceano Índico, mencionando igualmente mercadorias da Índia e China²⁷. Ele viajou às margens do Mar Negro, conheceu a península do Sinai, a Etiópia e, segundo alguns estudiosos, a Índia e a Ilha de Taprobana, na atual Sri Lanka. No texto, distingue as informações obtidas por testemunho ocular próprio, por testemunho ocular de informantes e pela tradição oral. O Livro XI é dedicado à *Descrição dos animais indianos, das árvores indianas e da Ilha de Taprobana*. Esta ilha é a que mais retém sua atenção, pois, conforme ele próprio informa:

Servindo de intermediária, a ilha (de Taprobana) acolhe numerosos barcos vindos da Índia inteira, da Pérsia e da Etiópia ... em troca ela recebe os produtos de todos os mercados ... os transporta aos países do interior e ao mesmo tempo expede seus próprios produtos em cada um desses mercados...²⁸.

O papel proeminente dado a esta ilha sugere que seus informantes fossem dela naturais, ou que por lá tivessem passado. Ao que tudo indica, seriam navegadores e

comerciantes nestorianos de origem síria. A pesquisadora Wanda Wolska-Conus chama a atenção para a importância, na *Topografia Cristã*, de informações geográficas a respeito dos centros cristãos dependentes da Igreja persa. Os principais informantes de Cosmas teriam sido cristãos em domínios sassânidas, os habitantes de Adulis, no reino de Axum, e gente proveniente, ao que parece, da Índia e da ilha de Taprobana.²⁹ Suas próprias informações parecem confirmar esta hipótese: “na Taprobana ... há uma igreja de cristãos, um clérigo e fiéis ... esta ilha possui também uma Igreja de persas cristãos estabelecidos no país, assim como um padre ordenado na Pérsia, um diácono e toda a liturgia de uma Igreja”.³⁰

O fato de Cosmas atuar em Alexandria, principal centro do monofisismo e da filosofia aristotélica, e de ter por mestre o insigne nestoriano Mar Aba, deixa entrever as influências que a “Escola de Nisibis” exercia, mesmo em lugares onde suas premissas eram rejeitadas. Por sua vez, os fundamentos doutrinários nestorianos assentavam em concepções já desenvolvidas, mas que foram readaptadas às novas necessidades que se faziam presentes na sociedade. O comércio podia ser uma atividade importante para a difusão das crenças nestorianas: exemplo disso é o fato de Cosmas ter recebido de mercadores a maior parte das notícias e informações acerca de sua comunidade religiosa em outros lugares, sobretudo na Índia e em Taprobana.

Espalhadas pelas rotas comerciais, as comunidades cristãs persas permitiam aos nestorianos do Oriente aliar as atividades missionárias às atividades comerciais, visto que, em sua concepção, o mundo material e o mundo espiritual caminhavam juntos. Suas pregações passaram a ser menos complexas, sem as sutilezas da ortodoxia bizantina, para melhor difundir a mensagem cristã entre os povos. Wolska-Conus salienta que os princípios de Teodoro de Mopsuestia foram submetidos a modificações que atendessem a essa mudança de orientação, adaptando-se às necessidades contemporâneas do século VI. A autora situa em Nisibis uma reforma da doutrina de Teodoro, tendo sido Mar Aba o principal promotor: “Este ensinamento, oral a princípio, foi fixado por escrito. Desse modo, os conjuntos de preceitos caíram em domínio público, sendo destinados à instrução de todas as camadas da população, retendo da doutrina original somente suas principais articulações.”³¹

Nestorianos e Muçulmanos

Ao final do século VI, os bizantinos dominavam o Oriente Médio mediterrâneo, e os sassânidas, a Mesopotâmia e a Pérsia. Esses dois poderes disputavam a expansão para a Arábia e, para tal, aproveitavam-se das divisões religiosas entre tribos árabes que habitavam

os limites entre a Mesopotâmia e a Síria. Lá estava a tribo dos lakhmidas, convertida ao cristianismo nestoriano e aliada dos governantes persas. Para neutralizá-los, Bizâncio apoiava a tribo de Gassan (estabelecida no sudeste da Palestina), que era monofisista. É certo que também estes incorriam em “desvio” religioso, mas sua aliança era um ganho estratégico.³² Tais dissensões e apoios minavam a autoridade de ambos os impérios, o que facilitou o avanço dos árabes após a adoção do Islã, por um lado, porque constituíam forças organizadas e capazes do ponto de vista militar, e, por outro, porque os grupos heréticos que faziam oposição ao governo bizantino acharam mais fácil viver sob um governo que aceitava a diferença de credo religioso.

Na Síria, ao tempo da dinastia omíada (660-750), a cultura muçulmana recebe os primeiros contributos da cultura grega, através dos nestorianos, que, após uma rejeição inicial, acomodaram-se sob o governo islâmico na condição de “protegidos”, de “*dhimmis*”, condição reservada aos cristãos e judeus, os “povos do livro.”³³ Após a construção de Bagdá, em 762, na dinastia abássida (750-1258), os nestorianos ali se estabeleceram como mercadores, escribas, eruditos, associando suas atividades às dos muçulmanos. É neste período que, segundo Peter Brown, o nestorianismo obtém as condições culturais e sociais necessárias para seu melhor desenvolvimento.³⁴

Com o califa Al Mamun (813-833), a civilização abássida atingiu seu apogeu. Foi durante seu governo que se desenvolveu o mutazilismo, defendendo a crença no livre arbítrio e na razão individual, e que foi fundada a *Bayt al Hikma* (Casa da Sabedoria), espécie de biblioteca e local de encontro de sábios. Al Mamun mostrava-se interessado pelas obras gregas de filosofia, ciências, astronomia e medicina. Neste amplo movimento é que vieram à luz as traduções da obra de Galeno, Euclides, Ptolomeu, Aristóteles, os comentários de Alexandre de Afrodísio*, Ammônio**, Temístio*** e Porfírio****. O maior erudito a seu serviço foi o monge nestoriano Hunayn ibn Ishaq, fundador da Escola de Tradutores.³⁵ A filosofia torna-se assim um dos campos mais desenvolvidos no mundo muçulmano, produzindo uma civilização altamente integrativa e assimilacionista, recebendo, refletindo e transmitindo o conhecimento antigo.

O livro é um objeto precioso para os muçulmanos. Grandes bibliotecas existem para reunir esse conhecimento: a Biblioteca de Nazaf (Irake), de Hamas (Síria), de al-Aziz (Cairo) e a de al-Hakam II (Córdova). Também o uso da “palavra” é importante, não só pelo significado prático, como por ser um modo de distinção social. Quem domina a arte da retórica desfruta de posição privilegiada na sociedade. Bagdá tornou-se também a capital intelectual do império, lugar para o qual iam pessoas de todas as províncias, difundindo novas

ideias que eram compartilhadas entre árabes, judeus, persas, indianos e cristãos. As ciências astronômicas se desenvolveram com o conhecimento dos sábios pagãos sabeus ³⁶, e a matemática veio a ser aperfeiçoada.

Ásia Central e China: Nestorianos e Mongóis

A atividade missionária nestoriana deve muito aos seus mosteiros, que funcionavam como seminários para divulgar a fé do “povo do livro”. Destes, convém destacar o que Rabban Qousré mandou erguer na região de Mossul; o mosteiro de Besloï, erigido em meados do século VII na rota das caravanas; e o da Montanha de Arokh, fundado por Simeão, na Mesopotâmia ³⁷. Com efeito, do mundo persa a fé nestoriana acompanhou as caravanas que cortavam as planícies e montanhas da Ásia Central desde o período de domínio dos sassânidas, pois muitos de seus adeptos eram monges-mercadores. Do Norte da Síria ao Iraque, e da Armênia ao Irã, sua difusão foi notável. No século VII, eles já tinham se estabelecido nas cadeias de montanhas do Hindo Kush e de Tien Shan; nas cidades comerciais autônomas da Sogdiana, onde foi encontrada uma cruz com uma inscrição em Ladak; nas proximidades do Tibet e no Oásis de Turfan, onde, na biblioteca do mosteiro de Bulayiq, encontra-se uma tradução em sogdiano da obra de Evágrio do Ponto (346-399). ³⁸

Seguindo a Rota da Seda, já tinham atingido a China antes mesmo da implantação do Islã no Oriente Médio, começando uma campanha de evangelização em 636, no início do período de governo da dinastia Tang. Nas fontes chinesas, consta a chegada de mais de 3.000 missionários estrangeiros, em sua maior parte sírios e da Ásia Menor. Segundo o erudito chinês Paul Houo-Ming-Tsé, na estela de King-Kiao-Pei constam inscrições em siríaco ou em letras chinesas enunciadas com pronúncia siríaca, onde se pode identificar o nome de um arcebispo, chamado Ningchou ou Apoutsaiqi, dois bispos, e cerca de setenta monges. ³⁹ Todavia, a mais conhecida estela data de 781 e foi encontrada na cidade de Si-Ngan-Fou, onde estão especificados pontos fundamentais da doutrina cristã e a narração de como os nestorianos ali se instalaram ⁴⁰, prova cabal da introdução do cristianismo na China muitos séculos antes das conquistas mongóis e do envio dos primeiros missionários latinos. Ao que parece, este ardor proselitista foi interrompido na China em meados do século IX:

A evangelização nestoriana durou na China até ao édito de proscricção de 845; secularizaram-se na altura dois mil religiosos nestorianos e zoroastristas ... Por volta de 980, um enviado dos católicos*, encarregado de colocar em ordem os

assuntos da China, volta a Bagdá o mais depressa possível, declarando que já não existia na China um único cristão e também já não existia qualquer igreja. Não voltaremos a ver cristãos na China antes da chegada dos conquistadores mongóis.⁴¹

Paralelamente, converterão famílias e clãs das tribos nômades das estepes, rivalizando com o mazdeísmo, com o budismo e, sobretudo, com o maniqueísmo – crença religiosa adotada majoritariamente pelos uigurs, naimans e kirghises. Mas não há consenso entre os estudiosos a respeito de sua provável influência na criação do alfabeto sogdiano dos turco-uigurs, cujo primeiro testemunho é as “inscrições de Orkhon”, do século VIII, nas quais se percebe a influência do aramaico e siríaco.⁴²

Em 1196, quando nas proximidades do lago Baikal, na Mongólia, o já célebre guerreiro Temudjin foi proclamado *khan* (“soberano”) por uma assembléia de chefes nômades das estepes euro-asiáticas, dando-se as condições históricas para a unificação das tribos mongóis, cercadas de tribos turcas que, ao que parece, eram mais fortes devido aos contatos que haviam tido com civilizações sedentárias.⁴³ Adepto de práticas xamanísticas, ele e seus sucessores mostrar-se-ão indiferentes à adesão aos vários cultos religiosos, inclusive os monoteístas, com os quais entrarão em contato⁴⁴. O imbatível líder mongol contará com o apoio dos keraites do lago Baikal, convertidos ao cristianismo nestoriano por volta do ano 1000, dos naimans das proximidades dos Montes Altai, e dos onguts da curva do Rio Amarelo.⁴⁵

Em 1206, após uma sucessão de vitórias e da unificação das tribos da bacia do Tarim e da Manchúria do Norte, *Tchinggis khan* (Gengis Khan, o “soberano supremo”) deslocou seus exércitos das estepes rumo às civilizações sedentárias, atacando a China do Norte e tomando Pequim em 1215, saqueando as cidades persas do Estado do Kwarezm, sobretudo Bukhara, Samarcanda e Nichapur, entre 1218-1220, e alargando suas campanhas militares na direção da Rússia de Kiev e da Ucrânia. Compreendendo a necessidade de uma administração, por mais elementar que fosse, para o extenso território, mandou colocar por escrito o *yāsā* (*yassak*), um código de leis com decretos imperiais que lhe permitiriam governar os territórios conquistados.⁴⁶ Para tal, reuniu letrados e formou um corpo de funcionários, composto, entre outros, por nestorianos:

O primeiro funcionário da história gengiscânica foi aquele que os anais chineses chamam Tatatonga. Escriba... dos naimans, ele juntou-se ao conquistador mongol após a derrota de seu chefe. É um ongut budista, Koerguz, que foi encarregado de administrar o khurassan... Tchinkai, um kerait nestoriano, foi o chanceler de Ogodai, e que Jean de Plan Carpin* designa sob o nome de protonotarius.⁴⁷

Quanto à penetração do cristianismo oriental na linhagem de Gengis Khan, pode-se citar seu filho mais novo, Tului (1194-1232), que se casou com uma princesa kerait nestoriana chamada Sorgak Tani. Entre seus sucessores, o Khan Mongka (1209-1259) permitiu a participação de nestorianos, budistas e taoístas em sua corte. A julgar pelas informações do cronista armênio Kiragos Kantzaguetsi, Hulagu (1217-1265), primeiro governante do *ilkhanato* da Pérsia, após a invasão de Bagdá e a destruição do califado abássida teria poupado os cristãos, irmãos de fé de sua esposa - uma nestoriana da tribo kerait chamada Dokur Katun.⁴⁸ Seu filho, Abaqa (1232-1284), manteve o costume da liberdade religiosa em seus territórios. Com efeito, foi durante o governo deste que a comunidade cristã oriental atingiu seu período de maior esplendor, como se pode ver nos versos dedicados ao *catholicos* Mar Denha I, que da cidade de Arbela, na Mesopotâmia, administrava toda a igreja nestoriana asiática, designando Simeão Bar-Kalig para o cargo de metropolitano da China em 1279.⁴⁹

Também sob o governo de Arghun (1258-1291), que era devotado budista e ferrenho inimigo dos muçulmanos, os nestorianos gozaram de proteção religiosa, vindo inclusive a participar de tratativas para uma aproximação entre mongóis e cristãos na luta contra o Islã. Desse intento participaram, numa curiosa e inusitada embaixada, dois monges nestorianos nascidos em Pequim, o sábio Rabban Shawma e seu jovem discípulo Marcos, nome latinizado daquele que viria a ser patriarca com o nome de Mar Yahbh-Allaha III. Ambos resolveram deixar sua terra natal para realizar uma peregrinação à cidade santa de Jerusalém. Quando passavam pela Pérsia, foram recebidos na corte do *ilkhan*, na qual vieram a ser encarregados de servir como emissários numa embaixada junto às autoridades cristãs latinas para obter uma aliança na guerra travada contra os sultões mamelucos no Oriente Médio.

Os emissários nestorianos singraram o Mar Negro, indo até Trebizonda, e dali se dirigiram à Constantinopla, onde foram recebidos com pompa pelo imperador Andrônico II. Dali navegaram até a Itália, passando por Nápoles, Gênova e Roma, subindo até Paris para encontrar-se com Filipe, o Belo, e se deslocando até a Guiana, onde foram recepcionados pelo rei inglês Eduardo I. Recebidos pelo papa Nicolau IV, em 1288, assistiram aos rituais católicos, representando simbolicamente a reaproximação da cristandade latina com a cristandade oriental de fé nestoriana.⁵⁰ Na avaliação dos historiadores, do ponto de vista político, o resultado efetivo destes contatos não foi significativo, pois “os soberanos ocidentais e o próprio Papa não deram seguimento às promessas protocolares que fizeram por ocasião dessas diversas entrevistas”.⁵¹

De qualquer modo, o reencontro entre representantes dos cristãos orientais com bizantinos e latinos tem profundo significado simbólico na tortuosa trajetória dos nestorianos.

Perseguidos muitos séculos antes em Bizâncio, sua bem sucedida difusão na Pérsia lhes conferiu posição de destaque nos contatos espirituais e culturais entre Ocidente e Oriente, com participação na história do Islã, dos povos das estepes euro-asiáticas e da China. Neste longo percurso, constituíram sua própria identidade, provando que as rotas da Ásia Central não eram apenas um corredor de povos e mercadorias, mas também um corredor de ideias, crenças e valores, um espaço de trocas e contatos humanos fecundo, com importante papel formador na história dos povos que por ali passaram.

Artigo recebido em: 31/08/2009. Aprovado em: 09/02/2010.

Referências bibliográficas

AIGLE, Denise. Loi mongole x loi islamique: entre mythe et réalité. *Annales HSS*, 59 année n° 5/6, 2004, pp. 971-997.

BARTHOLD, Wilhelm. *Histoire des turcs d'Asie Centrale*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1945.

BOULNOIS, Luce. *A Rota da Seda*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1999.

BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

CARDINALE, G. *Fomos libertados ou ocupados?* 30 Giorni nella Chiesa e nel mundo. Roma, Ano XXI, n.12, dez. 2003.

CHABOT, J. Elogée du Patriarche nestorien Mar Denha I par le moine Jean (1265-1281). *Journal Asiatique*, Paris, tome 5, 1895.

CHRONIQUE DE SÉERT (Histoire nestorienne). Ed. Addai Scher (Patrologia Orientalis, tome VII – fascicule 2). Paris: Firmin Didot, 1950.

CONRAD, Philippe. *As civilizações das estepes*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.

COSMAS INDICOPLEUSTÈS. *Topographie Chrétienne*. Ed. Wanda WOLSKA-CONUS. Paris: Éditions Du Cerf, 1970.

DULAUNIER, E. Les mongols d'après les historiens arméniens, fragments traduits sur lês textes originaux. *Journal Asiatique*, Paris, 5^a serie, tome 11, 1858.

ETCHEBÉHÈRE JÚNIOR, Lincoln. *Cristandade Oriental: as relações entre a igreja nestoriana e os cristãos de São Tomé no período medieval*. In: Célia Marques TELLES & Risonete Batista de SOUZA. *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Salvador: Quarteto Editora, 2005.

EPANAGOGE (880). In: HERRERA CAJAS, Hector; MARINS RIVEROS, Jose. El Imperio Bizantino: introducción historica y selección de documentos. *Cuadernos Byzantion Nea Hellas - Serie Bizantini Historia I* (Centro de Estudios Gregos, Bizantinos y Neohelénicos "Fotio Malleros" de

la Universidad de Chile), 1998. Disponível em: <http://www.geocities.com/CollegePark/Square/3602/DOCBIZANCIO.HTML>. Acesso em: 31 dez. 2006.

FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias* (séculos I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

GOLDFARB, Ana Maria Alfonso. A conjugação cultural na formação da civilização árabe e o renascimento da alquimia. In: _____. *Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo*. São Paulo: EDUSP, 1987.

HISTÓRIA SECRETA. Disponível em: <http://altaica.narod.ru/>. Acesso em: 28 dez. 2006.

HOÀNG, Michel. . *Gengis Khan*. Rio de Janeiro: Globo, 2003.

HOUO-MING-TSÉ, Paul. *Preuves des antiquités de Chine*. Pékin: Magasin des curios Ta-Kou-Tchai, 1930.

LEWIS, Bernard. *Judeus do Islã*. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1990.

LLORCA, Bernardino; VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Catolica*. 6.ed. Madrid: Editorial Catolica, [s.d.].

MANSOURYA, Sliba de. Hymne sur les docteurs grecs (Histoire de Nestorius). In: *Documents pour servir à l'histoire de l'Église nestorienne*. Textes syriaques édités et traduites par François NAU (Patrologia Orientalis, tome XIII, fascicule 2 n° 63). Turnhout: Ed. Brepols, 1995.

MANTRAN, Robert. *Expansão muçulmana: séculos VII-XI*. São Paulo: Pioneira, 1987.

MAR BARHADBSABRA ARBAYA. *Cause de la fondation des écoles*. Texte syriaque publié et traduit par Addai Scher (Patrologia Orientalis, tome VIII). Turnhout: Ed. Brepols, 1981.

MASTYKOVA, Anna. Soie, fourrures, ambre: les routes d'Europe Orientale. *Dossiers d'Archeologie*, n° 256, 2000, p 78-81.

NICOLAÏDIS, Efthymios. Au carrefour des civilisations: les sciences à Byzance. *Europe: revue littéraire mensuelle* (Paris) 75° année n° 822, 1997, pp. 124-125.

PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. Do Ocidente para o Oriente: Harrân, último reduto pagão e centro de transmissão do pensamento grego para o mundo islâmico. In: DE BONI, Luís A.; PICH, Roberto H. (orgs). *A recepção do pensamento greco-romano, árabe e judaico pelo Ocidente Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RODRIGUES, Miguel Urbano. *Nômadas e sedentários na Ásia Central*. Porto: Campo das Letras, 1999.

ROSS, E.; GAUTHIOT, R. L'alphabet sogdien d'après un témoignage du XIII siècle. *Journal Asiatique*, Serie 11, tome 1, 1913, pp. 521-533.

ROUX, Jean Paul. Les religions dans les sociétés turco-mongoles. *Revue de l'Histoire des Religions*, tome CCI-4, 1984, pp. 393-420.

RUNCIMAN, Steven. . *A teocracia bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

_____. *Los maniqueos de la Edad Media: un estudio de los herejes dualistas cristianos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

SANTOS HERNÁNDEZ, Angel. *Iglesias orientales separadas*. Valencia: EDICEP, 1978.

SINOR, Denis. Les relations entre les mongols et l'Europe jusqu'à la mort d'Arghoun et de Bela IV. *Cahiers d'Histoire Mondiale*, vol. III-1, 1956, pp. 39-62.

TAJADOD, Nahal. *Les Porteurs de Lumière: péripéties de l'Église chrétienne de Perse (III –VII^e siècles)*. Paris: Librairie Plon, 1993.

TAVEIRA, Celso. Espaço, tempo e ideologia: reflexões sobre o modelo político da autocracia bizantina e seu significado histórico. In: TELLES, Célia Marques; Souza, Risonete Batista de. *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Salvador: Quarteto Editora, 2005.

VASILIEV, Alexander. *Historia del Imperio Bizantino*. Tomo I. Barcelona: Iberia, 1945.

VIDAL, F. Canals. La transmisión semítica de la filosofía griega. In: _____. *Historia de la filosofía medieval*. Barcelona: Herder, 1985.

WALLIS BUDGE, Ernest Alfred Thompson. *The monks of Kublai Khan*. Londres: The Religions Tract Society, 1928. Disponível em: <http://www.aina.org/books/mokk/mokkcontents.htm>. Acesso em: 30 abr. 2006.

WOLSKA-CONUS, Wanda. *La topographie chrétienne de Cosmas Indicopleutès: theologie et science au VI^e siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

YACOB, Joseph. De Babylone à Pékin, l'expansion de l'Église nestorienne en Chine. Disponível em: <http://www.chine-informations.com>. Acesso em: 26 dez. 2006.

ZERNER, Monique. Heresia. In: Jacques LE GOFF & Jean-Claude SCHMITT (dirs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, vol. 1, pp. 503-521.

ZILLES, Urbano. (trad). *Documentos dos primeiros oito concílios ecumênicos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

¹ Mestranda em História da UFRGS. E-mail: ssimoesbr@yahoo.com.br

² G. CARDINALE. *Fomos libertados ou ocupados?* 30 Giorni nella Chiesa e nel mundo. Roma, Ano XXI, n.12, dez. 2003, p. 9.

³ Angel SANTOS HERNÁNDEZ. *Iglesias orientales separadas*. Valencia: EDICEP, 1978. pp. 88-89

⁴ Sobre a natureza do poder do Estado Bizantino, ver Celso TAVEIRA. "Espaço, tempo e ideologia: reflexões sobre o modelo político da autocracia bizantina e seu significado histórico". In: Célia Marques TELLES & Risonete Batista de Souza. *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Salvador: Quarteto Editora, 2005, pp. 495-500; Steven RUNCIMAN. *A teocracia bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

⁵ *Epanagoge* (880). In: Hector HERRERA CAJAS & Jose MARINS RIVEROS. *El Imperio Bizantino: introducción historica y selección de documentos. Cuadernos Byzantion Nea Hellas - Serie Bizantini Historia I* (Centro de Estudios Gregos, Bizantinos y Neohelénicos "Fotio Malleros" de la Universidad de Chile), 1998. Disponível em: <http://www.geocities.com/CollegePark/Square/3602/DOCBIZANCIO.HTML> (acessado em 31/12/2006).

⁶ Para os textos dos concílios, Urbano ZILLES (trad). *Documentos dos primeiros oito concílios ecumênicos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

⁷ Monique ZERNER. Heresia. In: Jacques LE GOFF & Jean-Claude SCHMITT (dirs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, vol. 1, pp. 503-521. p. 503-504.

⁸ Alexander VASILIEV. *Historia del Imperio Bizantino*. Tomo I. Barcelona: Iberia, 1945, p. 67.

- ⁹ Bernardino LLORCA & Ricardo Garcia VILLOSLADA. *Historia de la Iglesia Catolica*. 6.ed. Madrid: Editorial Catolica, s.d., vol. 1, p. 525.
- ¹⁰ Roque FRANGIOTTI. *História das Heresias (séculos I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 127-128.
- ¹¹ Sliba de MANSOURYA. *Hymne sur les docteurs grecs (Histoire de Nestorius)*. In: *Documents pour servir à l'histoire de l'Église nestorienne*. Textes syriaques édités et traduites par François NAU (Patrologia Orientalis, tome XIII, fascicule 2 n° 63). Turnhout: Ed. Brepols, 1995, pp. 288-316.
- ¹² Roque FRANGIOTTI. *História das heresias*, op. cit., p.140.
- ¹³ Alexander VASILIEV. *Historia del Imperio Bizantino*, p. 87.
- ¹⁴ Sobre a posição dos sábios de Alexandria e de Antioquia em face da cultura grega, ver Efthymios NICOLAÏDIS. “Au carrefour des civilisations: les sciences à Byzance”. *Europe: revue littéraire mensuelle* (Paris) 75° année n° 822, 1997, pp. 124-125.
- ¹⁵ Steven RUNCIMAN. *Los maniqueos de la Edad Media: un estudio de los herejes dualistas cristianos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989. pp. 18-19.
- ¹⁶ F. Canals VIDAL. “La transmisión semítica de la filosofía griega”. In: IDEM. *Historia de la filosofía medieval*. Barcelona: Herder, 1985, p.152.
- * Crença também conhecida como zoroastrismo, difundida na Antiga Pérsia por Zaratustra, ou Zoroastro, cujos fundamentos encontram-se no *Avesta*, e que se baseia fundamentalmente na ideia de que o mundo seria regido por dois princípios absolutos: o bem e o mal.
- ** Culto solar difundido dentro e fora da Pérsia entre os séculos II a.C. e III d.C., concorrente ao cristianismo dentro do mundo romano.
- *** Crença religiosa difundida a partir da Pérsia, no século III, pelo profeta Mani, combinando elementos do mazdeísmo, gnosticismo e cristianismo.
- * Título conferido à autoridade máxima nas igrejas cristãs orientais.
- ¹⁷ Lincoln ETCHEBÉHÈRE JÚNIOR. “*Cristandade Oriental: as relações entre a igreja nestoriana e os cristãos de São Tomé no período medieval*”. In: Célia Marques TELLES & Risonete Batista de SOUZA. *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Salvador: Quarteto, 2005, p. 330.
- ¹⁸ Angel SANTOS HERNÁNDEZ, *Iglesias orientales separadas*, op. cit, p. 54.
- ¹⁹ MAR BARHADBSABRA ARBAYA. *Cause de la fondation des écoles*. Texte syriaque publié et traduit par Addai Scher (Patrologia Orientalis, tome VIII). Turnhout: Ed. Brepols, 1981, p. 386.
- ²⁰ MAR BARHADBSABRA ARBAYA. *Cause de la fondation des écoles*, op. cit., p. 383; Nahal TAJADOD. *Les Porteurs de Lumière: péripéties de l'Église chrétienne de Perse (III –VII^e siècles)*. Paris: Librairie Plon, 1993, p. 162.
- ²¹ *Chronique de Séert (Histoire nestorienne)*. Ed. Addai Scher (Patrologia Orientalis, tome VII – fascicule 2). Paris: Firmin Didot, 1950, pp. 115-116, 194; MAR BARHADBSABRA ARBAYA. *Cause de la fondation des écoles*, p. 188.
- ²² Peter BROWN. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p. 191.
- ²³ *Chronique de Séert (Histoire nestorienne)*, op. cit., pp. 153-157.
- ²⁴ Alexander VASILIEV, *Historia del Imperio Bizantino*, op.cit., tomo I, p. 134-135; Anna MASTYKOVA. “Soie, fourrures, ambre: les routes d'Europe Orientale”. *Dossiers d'Archeologie*, n° 256, 2000, p 78-81.
- ²⁵ *Chronique de Séert (Histoire nestorienne)*, op. cit., 159-160.
- ²⁶ Nahal TAJADOD. *Les Porteurs de Lumière: péripéties de l'Église chrétienne de Perse*, op. cit., p. 232.
- ²⁷ COSMAS INDICOPLEUSTÈS. *Topographie Chrétienne*. Ed. Wanda WOLSKA-CONUS. Paris: Éditions Du Cerf, 1970, vol. 2, XI, 10.
- ²⁸ COSMAS INDICOPLEUSTÈS. *Topographie Chrétienne*, vol. 2, XI, 15-16.
- ²⁹ Wanda WOLSKA-CONUS. *La topographie chrétienne de Cosmas Indicopleutès: theologie et science au VI^e siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962, p. 9.
- ³⁰ COSMAS INDICOPLEUSTÈS. *Topographie Chrétienne*, vol. 3, XI, 14; 65.
- ³¹ Wanda WOLSKA-CONUS, *La topographie chrétienne de Cosmas Indicopleutès*, op. cit., p. 33; 85.
- ³² Robert MANTRAN. *Expansão muçulmana: séculos VII-XI*. São Paulo: Pioneira, 1987, p. 54.
- ³³ A respeito das minorias religiosas no mundo islâmico, ver Bernard LEWIS. *Judeus do Islã*. Rio de Janeiro: Xenon Editora, 1990; Robert MANTRAN. *Expansão muçulmana*, op. cit., pp. 212-216.
- ³⁴ Peter BROWN. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*, op. cit., p. 210.
- * Alexandre Aphrodisius (c. 200 d.C).
- ** Amônio Sacas (Ammonius Saccas) (c. 175-242) – célebre filósofo grego da Escola de Alexandria, considerado o fundador dos estudos neoplatônicos.
- *** Themistius (317-387) – Destacado filósofo e retórico nascido na Paflagônia e morto em Constantinopla, difusor das obras de Aristóteles.
- **** Porfírio (232-304) – Filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discipulos de Plotino.

- ³⁵ Ana Maria Alfonso GOLDFARB. “A conjunção cultural na formação da civilização árabe e o renascimento da alquimia” In: *IDEM. Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo*. São Paulo: EDUSP, 1987; F. Canals VIDAL. “La transmisión semítica de la filosofía griega”. In: *IDEM. Historia de la filosofía medieval*, op. cit., p. 153.
- ³⁶ Sobre o papel dos pagãos gregos no mundo muçulmano, ver Rosalie Helena de Souza PEREIRA. “Do Ocidente para o Oriente: Harrân, último reduto pagão e centro de transmissão do pensamento grego para o mundo islâmico”. In: Luís A. DE BONI & Roberto H. PICH (orgs). *A recepção do pensamento greco-romano, árabe e judaico pelo Ocidente Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, pp. 71-88.
- ³⁷ *Chronique de Séert (Histoire nestorienne)*, op. cit., p. 198-199.
- ³⁸ Peter BROWN. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*, op. cit., p. 192-193.
- ³⁹ Paul HOUO-MING-TSÉ, *Preuves des antiquités de Chine*. Pékin: Magasin des curios Ta-Kou-Tchai, 1930, p. 574.
- ⁴⁰ Joseph YACOUB. “De Babylone à Pékin, l’expansion de l’Église nestorienne en Chine”. Artigo disponível on-line: <http://www.chine-informations.com> (acessado em 26/12/2006).
- * Trata-se, muito provavelmente, de um erro de tradução, pois os “católicos” apenas entrariam na China ao fim do século XIII. A palavra *catholicos* esclarece perfeitamente o significado da passagem.
- ⁴¹ Luce BOULNOIS. *A Rota da Seda*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1999, p. 199.
- ⁴² Sobre a adoção da escrita pelos turcos e seus primeiros contatos com os povos sedentários, ver Wilhelm BARTHOLD. *Histoire des turcs d’Asie Centrale*. Paris: Librairie d’Amerique et d’Orient, 1945, pp. 25, 40-41; E. ROSS & R. GAUTHIOT. “L’alphabet sogdien d’après un témoignage du XIII siècle”. *Journal Asiatique*, Serie 11, tome 1, 1913, pp. 521-533.
- ⁴³ Os principais documentos a respeito da fundação do Império Mongol foram escritos *a posteriori*. Entre eles, deve-se destacar a *História Secreta*, composta em chinês com interpolações do uigur antigo por volta de 1240 (o texto integral, transliterado em chinês e mongol pelo erudito húngaro Lagos Ligetti, e sua tradução para o alemão, russo, mongol moderno e francês, encontram-se disponíveis on-line no site russo *Monumenta Altaica*, dedicado aos estudos orientais: <http://altaica.narod.ru/>) e a crônica *Jami al-tawarikh (História Universal)*, composta no princípio do século XIV por Rachid al-Din (1247-1318) – servidor dos *ilkhans* mongóis da Pérsia.
- ⁴⁴ Para os traços gerais das práticas e cultos entre os mongóis, ver Jean Paul ROUX. “Les religions dans les sociétés turco-mongoles”. *Revue de l’Histoire des Religions*, tome CCI-4, 1984, pp. 393-420.
- ⁴⁵ Michel HOÀNG. *Gengis Khan*. Rio de Janeiro: Globo, 2003, pp. 52-54. Sobre o proselitismo nestoriano e mazdeísta, ver Miguel Urbano RODRIGUES. *Nômadas e sedentários na Ásia Central*. Porto: Campo das Letras, 1999, pp. 212-213.
- ⁴⁶ A respeito do significado histórico do *yāsā*, e de sua especificidade em relação à lei islâmica que passou a vigir em territórios turco-mongóis, Denise AIGLE. “Loi mongole x loi islamique: entre mythe et réalité”. *Annales HSS*, 59 année n° 5/6, 2004, pp. 971-997.
- * João de Pian del Carpine – Missionário franciscano enviado pelo papa Inocêncio IV junto aos mongóis em 1245.
- ⁴⁷ Philippe CONRAD. *As civilizações das estepes*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978, pp. 246-247.
- ⁴⁸ E. DULAUNIER. “Les mongols d’après les historiens arméniens, fragments traduits sur lês textes originaux”. *Journal Asiatique*, 5ª serie, tome 11, n.1858, p. 491.
- ⁴⁹ J. CHABOT. “Elogée du Patriarche nestorien Mar Denha I par le moine Jean (1265-1281). *Journal Asiatique* (Paris), tome 5, 1895, p. 165.
- ⁵⁰ Para o relato da viagem, escrito originalmente em siríaco, ver a tradução inglesa de Ernest Alfred Thompson WALLIS BUDGE. *The monks of Kublai Khan*. Londres: The Religions Tract Society, 1928. Disponível on line: <http://www.aina.org/books/mokk/mokkcontents.htm> (acessado em 30/04/2006). Para o estudo do contexto, ver Denis SINOR, “Les relations entre les mongols et l’Europe jusqu’à la mort d’Arghoun et de Bela IV”, *Cahiers d’Histoire Mondiale*, vol. III-1, 1956, pp. 39-62.
- ⁵¹ Philippe CONRAD. *As civilizações das estepes*, op. cit., p. 231.